

30 JUL

Quinta / Thursday

11:00 Igreja de São Tiago / São Tiago Church

CONCERTO DE LAUREADOS DO FOLEFEST 2026
FOLEFEST LAUREATES 2026

Vitor Pastor, acordeão

Sofia Gubaidulina (1931–2025)

De Profundis

Vladimir Ryabov (n. 1950)

River of Love

Anatoly Kusyakov (1945–2007)

Images of Passing Time

I. Tornado

II. How Terrible It Is to Drown in the Blue Skies

XII. Procession

Moritz Moszkowski (1854–1925)

Étincelles, Op. 36, n.º 6 (“Sparks”)

DUO KONTRAST

Diogo Pardal, clarinete

Sérgio Gladkyy, acordeão

Anatoly Kusyakov (1945–2007)

Five Spanish Pictures, Op. 28

II. Allegro

III. Adagio cantabile

Krzysztof Penderecki (1933–2020)

Three Miniatures

Allegro

Andante cantabile

Allegro ma non troppo

André M. Santos (n. 1984)

Word Study: Manipulation

Malcolm Arnold (1921–2006)

Sonatina, Op. 29

Tal como em anos anteriores, também este ano laureados do Folefest, festival anual de acordeão, se apresentarão no Festival Internacional de Música de Marvão. Recomendo vivamente a presença neste concerto. Há muito que o acordeão ultrapassou o estatuto de instrumento meramente popular, afirmando-se solidamente no domínio da música clássica.

Enquanto instrumento de sopro, distingue-se, por exemplo, da flauta, do trompete ou do saxofone pelos seus “pulmões” incorporados, ou foles, que são comprimidos e expandidos pelo acordeonista como num movimento respiratório. Ao fazê-lo, o ar passa por lâminas de aço ou latão, as chamadas palhetas, fazendo-as vibrar. Por sua vez, essas vibrações produzem o som. Através dos seus dois teclados, o acordeão permite tocar simultaneamente uma melodia e o seu acompanhamento, ou baixo contínuo. O órgão e também o piano, apesar de ter apenas um teclado, partilham com o acordeão a possibilidade de apresentar ambas as partes através de um só instrumento e de um só instrumentista. O conhecido acordeonista português chamou recentemente ao acordeão, numa conversa comigo, um “órgão portátil”.

Como o acordeão só se afirmou como instrumento solista clássico há relativamente pouco tempo, existe já um repertório original surpreendentemente vasto, inspirador e de grande qualidade. A música mais antiga é quase sempre apresentada em arranjo, mas isso não deve, de modo algum, constituir um obstáculo. Muitas das transcrições são excelentes. Pessoalmente, considero o acordeão perfeitamente preparado para, por exemplo, a música de Bach.

Vitor Pastor, vencedor do primeiro prémio do Folefest, tocará três peças originalmente escritas para acordeão. Todas elas exploram a extensão e a amplitude expressiva do instrumento, dos sons mais roucos e guturais aos mais vivos e luminosos. De Profundis, de Gubaidulina, poderá ser a peça mais desafiante para o ouvinte, mas também a mais estimulante e inovadora. É inspirada no Salmo 130, cujo primeiro versículo diz: “Das profundezas clamo a ti, Senhor”. Com sons desolados e vibrantes, a peça começa, de facto, no registo grave do acordeão, mas lentamente encontra o seu caminho ascendente, acabando por superar as profundezas da iniquidade e do sofrimento para alcançar as alturas do amor, da redenção e do perdão. Ao longo do percurso, Gubaidulina explora também o carácter respiratório do instrumento, particularmente perceptível cerca de dois terços da composição decorridos, quando pede ao intérprete - ou assim parece - que imite o som da respiração, sinal vital, se não mesmo o mais vital dos sinais de

vida, conferindo assim a De Profundis um carácter quase existencial. De Profundis é tão profunda - sem trocadilhos - que é frequentemente vista como a composição que estabeleceu o estatuto do acordeão como instrumento “sério”.

Étincelles é uma transcrição da obra homónima para piano de Moritz Moszkowski. A sua virtuosidade leve e quase sem peso explica por que razão é frequentemente usada como bis, mas, no contexto deste concerto, serve também de contraponto a De Profundis, de Gubaidulina.

As duas obras dos compositores russos Ryabov e Kussyakov provam que o acordeão tem raízes profundas na Europa de Leste. Embora as origens do acordeão remontem a Berlim e Viena, na década de 1820, o instrumento foi cedo adoptado na Rússia e, com dois teclados de botões, desenvolveu-se de forma própria.

O acordeonista luso-ucraniano Sérgio Gladkyy, vencedor do Concurso Folefest em 2023, subirá ao palco, na segunda parte do concerto, com o seu parceiro musical, o clarinetista Diogo Pardal. Abrirão com dois andamentos da suite Cinco Quadros Espanhóis, de Kussyakov, originalmente concebida para flauta e acordeão. Embora o acordeão não esteja directamente associado à música ibérica, as tentativas do compositor de evocar imagens populares espanholas sob uma roupagem moderna são bem-sucedidas, sobretudo quando usa o acordeão, ainda que brevemente, como instrumento percussivo.

As Três Miniaturas, de Penderecki, são uma obra de juventude que não antecipa as suas obras posteriores mais inovadoras. Tanto mais interessante é podermos vislumbrar, através destas pequenas jóias da música de câmara, o seu desenvolvimento musical pessoal.

André Santos estudou Economia antes de iniciar uma carreira como guitarrista e, posteriormente, como compositor. No seu website, diz o seguinte sobre a sua abordagem à composição: “A minha experiência como guitarrista, juntamente com o estudo da obra de diferentes compositores que admiro, traz uma linguagem muito própria ao meu discurso musical, como seria de esperar em qualquer compositor. Cada peça nasce da vontade de experimentar algo novo e é escrita, sobretudo, para músicos específicos. Isto explica a escolha de diferentes instrumentações, algumas delas muito atípicas.” Há três aspectos que me chamam a atenção. Em primeiro lugar, usa palavras como “linguagem” e “discurso musical”, criando a impressão de que as palavras são uma importante fonte de inspiração. O título da composição desta noite, embora sem palavras, confirma essa impressão. Em segundo lugar, gosta de experimentar, talvez mais na combinação de instrumentos do que na composição propriamente dita. Graças a esta abertura, podemos agora desfrutar de uma peça que escreveu especificamente para a invulgar combinação de acordeão e clarinete. E resulta! Angulosa, saltitante, confiante.

O concerto conclui-se com um belo arranjo da Sonatina, de Malcolm Arnold. Em rapaz, Arnold foi inspirado por Louis Armstrong a pegar no trompete. Acabaria por conseguir um lugar na London Philharmonic Orchestra. Mas cedo se voltou para a composição, actividade que desenvolveu de forma prolífica. Escreveu não apenas sinfonias e concertos, como também se distinguiu pela composição de numerosas bandas sonoras para cinema. A Sonatina, estruturada de forma tradicional, com um andamento lento e reflexivo enquadrado por dois andamentos rápidos, é uma grande peça de exibição para o clarinete, sendo sobretudo a virtuosidade vertiginosa do terceiro andamento que o manterá preso à escuta. Um final brilhante para aquilo que promete ser um concerto entusiasmante e diverso.

Se gosta de acordeão, não perca o concerto do prodígio português do acordeão João Barradas, no dia 1 de Agosto, às 23:00, na Igreja de São Tiago.

As in previous years, this year too laureates of the annual Folefest accordion festival will present themselves at the Marvão International Music Festival. I highly recommend attending this concert. The accordion has long outgrown its status as a mere folk music instrument and has established itself firmly in the realm of classical music.

As a wind instrument, it distinguishes itself from, for instance, the flute, the trumpet or the saxophone through its 'built-in lungs', or bellows, that are compressed and expanded by the accordionist like breathing. In doing so, air flows past steel or brass strips, the so-called reeds, that causes them to vibrate. The vibrations in their turn produce the sound. Through its two keyboards, the accordion provides the opportunity to play both a melody and its accompaniment (or basso continuo). The organ and, despite the fact that it has just one keyboard, the piano too, share with the accordion the possibility to render both parts by one instrument/instrumentalist. The well-known Portuguese accordionist called the accordion a "portable organ" when I recently spoke with him.

As the accordion has only become a classical solo instrument relatively recently, there is already a surprisingly big, inspirational body of original repertoire of high quality. Older music is almost always arranged, but that should certainly not hold you back. Many of the transcriptions are excellent. I personally find the accordion perfectly equipped for, for instance, music by Bach.

Vitor Pastor, a Folefest first prize winner, will play three pieces that were originally written for accordion. All three explore the length and breadth of the instrument, from growling and grunting to chirpy and bright. Gubaidulina's *De Profundis* may be the most challenging for the listener, but also the most thought-provoking and innovative. It is inspired by Psalm 130, the first line of which reads: "Out of the depths, I call to thee oh Lord". With desolate, vibrating sounds, the piece starts indeed in the lower register of the accordion, but slowly it finds its way up, eventually overcoming the depths of iniquities and suffering, to reach the heights of love, redemption and forgiveness. Along the way, Gubaidulina also explores the instruments breathing character, particularly noticeable approximately two thirds into the composition, when she asks the performer, or at least so it seems, to mimic the sound of breathing, a vital, if not the most vital sign of life, thus giving *De Profundis* an almost existential character. *De Profundis* is so profound – no pun intended – that it is often seen as the composition that established the status of the accordion as a 'serious' instrument.

Étincelles is a transcription of Moritz Moszkowski's eponymous work for piano. Its weightless virtuosity explains why it is often used as an encore, but in the context of this concert it also serves as a counterpoint to Gubaidulina's *De Profundis*.

The two works, one each by the Russian composers Ryabov and Kusyakov, prove that the accordion has deep roots in Eastern Europe. Although the accordion's origins go back to Berlin and Vienna in the 1820s, it was picked up in Russia early on, and, with two buttoned keyboards, developed in its own way.

The Portuguese-Ukrainian accordionist Sérgio Gladkyy, who won the Folefest Competition in 2023, will take the stage with his partner in music, the clarinetist Diogo Pardal, for the second part of the concert. They will open with two movements from Kusyakov's suite *Five Spanish Pictures*, which was originally conceived for flute and accordion. Although the accordion is not directly associated with Iberian music, the composer's attempts to evoke Spanish folk images in a modern disguise are successful, especially when he uses the accordion, even though briefly, as a percussive instrument.

Penderecki's *Three Miniatures* are an early work that doesn't foreshadow his more innovative later works. All the more interesting to get a glimpse of his personal musical development with these small gems of chamber music.

André Santos studied Economy before embarking upon a career as a guitarist and subsequently as a composer. On his website he says the following about his approach to composing: "My experience as a guitar player, together with the study of the work of different composers I admire, bring a very own language to my musical speech (as expected in every composer). Each piece is born with the willingness of experimenting something new and it is mainly written to specific musicians. This explains the choice of different instrumentations, some of them are very atypical."

There are three things that strike me. First of all, he uses words such as “language” and “musical speech”, creating the impression that words are an important source of inspiration. The title of tonight’s, otherwise wordless composition, confirms that impression. Secondly, he likes to experiment, perhaps more in the combination of instruments than in the composition per se. Thanks to this openness we can now enjoy a piece that he specifically wrote for the unusual combination of accordion and clarinet. And it works! Angular, jumpy, confident.

The concert concludes with a beautiful arrangement of Malcolm Arnold’s Sonatina. As a young boy, Arnold was inspired to pick up the trumpet by Louis Armstrong. He eventually landed a job in the London Philharmonic Orchestra. But soon he turned to composing, which he did prolifically. He not only wrote symphonies and concertos, but also made a name for himself composing numerous film scores. The Sonatina, traditionally structured by a reflective slow movement flanked by two fast movements, is a great showpiece for the clarinet, especially the breakneck virtuosity of the third movement will keep you spell bound. A brilliant end to what promises to be an exciting and diverse concert.

If you enjoy the accordion, make sure not to miss the concert by Portugal’s prodigy accordionist João Barradas on 1 August at 23.00h in the Igreja de São Tiago.

[Bart de Vries](#)